“Reais Conversas Com...” Qual o Futuro para o Lobo – A Importância do Restauro Ecológico

A Casa do Conhecimento de Ponte da Barca (Biblioteca Municipal) acolheu no dia 28 de Novembro, a sessão “Qual o Futuro para o Lobo – A Importância do Restauro Ecológico”, integrada no ciclo “Reais Conversas Com...”, promovido pela Real Associação de Viana do Castelo, com o apoio do Município de Ponte da Barca. O encontro reuniu especialistas, investigadores, técnicos, representantes institucionais e um público numeroso e atento, afirmando-se como um espaço de reflexão aprofundada sobre a conservação do lobo-ibérico, o restauro ecológico e a relação entre natureza e comunidades humanas.

A elevada afluência superou largamente a capacidade do espaço, obrigando muitos participantes a acompanhar a sessão de pé, num ambiente marcado pela atenção constante, pela participação activa e pelo interesse genuíno no tema, confirmando a pertinência e atualidade do debate.

Abertura e enquadramento

A sessão foi moderada pelo Dr. Nuno Pousada, biólogo e técnico superior da Câmara Municipal de Ponte da Barca, onde coordena a Porta do Parque Nacional da Peneda-Gerês, no Lindoso. Na sua intervenção inicial enquanto moderador, enquadrou o encontro como um espaço de diálogo aberto e informado, pensado para cruzar saber científico, experiência de terreno e conhecimento institucional, promovendo uma reflexão plural, esclarecedora e construtiva sobre os desafios da conservação da natureza e da gestão sustentável do território.

A abertura formal coube ao Dr. José Aníbal Marinho, em representação da Real Associação de Viana do Castelo. A sua intervenção inicial — **que será publicada na íntegra numa página autónoma desta revista** — foi assumidamente mais do que uma introdução protocolar, lançando um enquadramento conceptual profundo sobre o território, o lobo e o restauro ecológico.



José Aníbal Marinho evocou o Alto Minho como território histórico de convivência entre lobos e comunidades humanas, sublinhando que o lobo é parte integrante da identidade destas serras. Defendeu que o restauro ecológico representa uma oportunidade de reconciliação entre o homem e a paisagem, afirmando que o futuro do lobo e o futuro das populações humanas são, na realidade, indissociáveis.

Gonçalo Ribeiro Telles como fio condutor do pensamento ecológico

Um dos momentos mais marcantes da intervenção de abertura foi a evocação do Arq. Gonçalo Ribeiro Telles, apresentada como referência intelectual maior do pensamento ecológico e do ordenamento do território em Portugal. José Aníbal Marinho recordou-o como mentor ideológico e como alguém que ensinou a olhar o território não como um conjunto de parcelas administrativas, mas como um organismo vivo, onde natureza, cultura e comunidades humanas se interligam.



Esta referência assumiu um papel estruturante ao longo da sessão e viria a ser retomada, valorizada e sublinhada em dois momentos distintos pela Arq.ª Sandra Sarmento, conferindo-lhe especial destaque.

Após a intervenção inicial, o Dr. Nuno Pousada procedeu à apresentação do painel de oradores, contextualizando brevemente o percurso e a área de actuação de cada um, sublinhando a diversidade de olhares reunidos para a reflexão proposta. Destacou a importância de conjugar ciência, experiência de terreno, gestão pública e comunicação ambiental, explicando que o painel fora intencionalmente construído para refletir essa pluralidade. Na apresentação, salientou o trabalho de investigação desenvolvido por Francisco Álvares no estudo do lobo-ibérico e da coexistência com as comunidades humanas; a experiência de Rui Dantas na área da pecuária extensiva e das raças autóctones, enquanto voz conhecedora da realidade dos criadores; o percurso de Sandra Sarmento na conservação da natureza e na definição de políticas públicas; e o contributo singular de Carlos Pontes, enquanto fotógrafo e videógrafo de natureza profundamente ligado ao território, responsável por um trabalho continuado de sensibilização através da imagem. Este enquadramento inicial permitiu ao público compreender a complementaridade das intervenções que se seguiriam e criou as condições para um debate informado, acessível e equilibrado.



A intervenção da Arq.ª Sandra Sarmento: surpresa, reconhecimento e legado

A Arq.ª Sandra Sarmento, directora regional da Conservação da Natureza e das Florestas do Norte e vogal do conselho directivo do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), iniciou a sua intervenção manifestando um agradecimento muito particular ao Dr. José Aníbal Marinho, assumindo de forma explícita que o enquadramento inicial apresentado tinha sido, para si, **uma verdadeira surpresa**.

Referiu que não esperava uma intervenção com tal profundidade conceptual e declarou-se profundamente tocada e reconhecida pela forma como José Aníbal Marinho trouxe para o centro do debate a figura de Gonçalo Ribeiro Telles. Sublinhou que essa evocação foi especialmente significativa, não apenas pelo valor simbólico, mas pela sua actualidade e pertinência no contexto das políticas de conservação e restauro ecológico.

Num primeiro momento, Sandra Sarmento destacou Gonçalo Ribeiro Telles como um referencial absolutamente incontornável da arquitectura paisagista e do pensamento ambiental em Portugal, afirmando que muitas das estratégias actualmente desenvolvidas pelo ICNF têm raízes directas nas suas ideias. Enfatizou que Ribeiro Telles antecipou, décadas antes, conceitos hoje amplamente utilizados, como sustentabilidade, estrutura ecológica e integração entre desenvolvimento humano e conservação da natureza.

Mais adiante na sua intervenção, voltou a referir-se explicitamente a José Aníbal Marinho, sublinhando novamente o mérito de ter trazido Ribeiro Telles para esta reflexão. Reiterou que a sua menção era não só justa, como necessária, afirmando que falar de restauro ecológico em Portugal sem evocar o pensamento de Gonçalo Ribeiro Telles seria sempre uma abordagem incompleta.

Este duplo reconhecimento — do legado de Ribeiro Telles e da intervenção de José Aníbal Marinho — conferiu à sua participação uma forte dimensão ética e intelectual, reforçando a ideia de continuidade entre pensamento, política pública e ação no território.

No plano técnico, Sandra Sarmento enquadrou o papel do ICNF enquanto autoridade nacional de conservação da natureza, num contexto marcado por desafios crescentes: alterações climáticas, incêndios florestais, fragmentação da paisagem, espécies exóticas invasoras e declínio da biodiversidade. Enfatizou o papel do lobo-ibérico como predador de topo e elemento-chave do equilíbrio dos ecossistemas, contrariando narrativas simplistas e culturalmente enraizadas.



Apresentou dados actualizados sobre o estado da população de lobo em Portugal, reconhecendo que, apesar da proteção legal e dos investimentos realizados, a espécie mantém um estado de conservação desfavorável à escala nacional. Destacou, contudo, o núcleo da Peneda-Gerês como particularmente relevante, sublinhando a importância de projetos de restauro ecológico e melhoria do habitat, como o desenvolvido na Mata de Albergaria no âmbito do projeto Life Wild Wolf. Anunciou ainda a implementação do **Programa Alcateia**, que substituirá o anterior Plano de Acção para a Conservação do Lobo, introduzindo um reforço do financiamento, a actualização das compensações por prejuízos causados ao gado, o apoio a cães de guarda, vedações, alterações no maneio pecuário e uma aposta clara na comunicação e valorização dos territórios do lobo.

Ciência, território e coexistência

O investigador Francisco Álvares, do CIBIO/InBIO da Universidade do Porto, trouxe à sessão uma leitura científica rigorosa e simultaneamente muito pedagógica sobre o estado da conservação do lobo-ibérico em Portugal. Com mais de duas décadas de trabalho dedicado ao estudo desta espécie, sublinhou que os dados actualmente disponíveis confirmam aquilo que muitos investigadores têm vindo a alertar: o conflito entre o lobo e as actividades humanas não se resolve com medidas pontuais ou exclusivamente compensatórias, exigindo antes uma abordagem estrutural e de médio e longo prazo.

Francisco Álvares destacou que, apesar de o último censo indicar um número relativamente elevado de alcateias no Alto Minho e, em particular, no núcleo da Peneda-Gerês, essa realidade encerra fragilidades profundas. Chamou a atenção para o facto de muitas dessas alcateias apresentarem um sucesso reprodutivo muito reduzido, com intervalos longos entre reproduções, o que compromete seriamente a viabilidade da população a prazo. Este fenómeno, explicou, está intimamente ligado à escassez de presas selvagens, à degradação do habitat e à excessiva dependência do lobo em relação ao gado doméstico, situação que intensifica o conflito e aumenta os episódios de perseguição ilegal.

Na sua análise, o investigador sublinhou ainda a degradação generalizada da floresta no noroeste de Portugal, marcada pela dominância de espécies exóticas e pela fragmentação do território, factores que reduzem a qualidade do habitat para o lobo e para as suas presas naturais. Defendeu, por isso, que o restauro ecológico — entendido como recuperação funcional dos ecossistemas, promoção de presas selvagens e reestruturação da paisagem — é uma condição essencial para reduzir o conflito e criar condições reais para a coexistência.



Francisco Álvares salientou também a importância de uma visão integrada do território, alertando para a crescente pressão humana sobre áreas naturais, seja através do turismo desordenado, da expansão de infraestruturas ou da perda de zonas de refúgio para a fauna selvagem. Recordou que o lobo, enquanto espécie sensível à perturbação humana, necessita de espaços tranquilos e contínuos para cumprir o seu ciclo de vida, algo cada vez mais raro no contexto actual.

Concluiu defendendo que a conservação do lobo não pode ser dissociada da melhoria global do território, nem da valorização das comunidades humanas que nele vivem. Para o investigador, apenas um investimento consistente em ciência aplicada, restauro ecológico e planeamento a longo prazo permitirá ultrapassar o impasse atual e garantir um futuro sustentável para o lobo-ibérico em Portugal.

Pastorícia e equilíbrio territorial

O engenheiro zootécnico Rui Dantas, reconhecido especialista na área dos recursos genéticos animais e profundo conhecedor da realidade da raça Cachena, trouxe à sessão uma intervenção marcada pelo equilíbrio e pelo conhecimento directo do território. A sua reflexão partiu da constatação de que o Parque Nacional da Peneda-Gerês é um espaço profundamente humanizado, onde a presença humana e as práticas tradicionais moldaram, ao longo de séculos, a paisagem, os habitats e a biodiversidade hoje valorizados.



Rui Dantas, que é também Secretário Técnico da Raça Cachena, sublinhou que a criação do Parque Nacional, em 1971, nunca teve como objectivo excluir as populações, mas antes preservar um território vivo, onde a conservação da natureza e a actividade humana coexistem. Recordou que apenas uma pequena parte do território do parque é propriedade do Estado, sendo a maioria composta por terrenos privados e comunitários — os baldios — cuja gestão colectiva permitiu a sobrevivência de pequenas explorações agrícolas e pecuárias em contexto de minifúndio.

Na sua intervenção, destacou o papel central das raças autóctones, como a Cachena, o Garrano ou as raças ovinas e caprinas tradicionais, não apenas enquanto património genético e cultural, mas também como agentes activos na manutenção da paisagem.

O pastoreio extensivo, explicou, contribui para a preservação dos lameiros, a abertura de clareiras, a criação de mosaicos de habitat e a redução da carga combustível, desempenhando um papel indirecto mas fundamental na prevenção de incêndios e na promoção da biodiversidade.

Contudo, Rui Dantas não deixou de sublinhar o impacto real e quotidiano que o lobo tem sobre os criadores. Os prejuízos causados pelos ataques não se traduzem apenas em perdas económicas directas, mas também em custos adicionais, aumento do stress, insegurança e, em muitos casos, desmotivação e abandono da actividade. Alertou para o risco de erosão do apoio local às políticas de conservação, sempre que estas não sejam acompanhadas de medidas eficazes de mitigação e compensação.

Defendeu, por isso, que qualquer estratégia de conservação do lobo deve assentar num modelo integrado, capaz de articular o restauro ecológico com políticas de apoio às actividades rurais. Entre as medidas apontadas, destacou a importância da promoção de presas selvagens, da recuperação de corredores ecológicos, da gestão sustentável da floresta e da implementação de medidas práticas de protecção do gado, como cães de guarda, reforço de currais e adaptação dos sistemas de maneio.

Rui Dantas sublinhou ainda a necessidade de políticas públicas construídas com participação activa das populações locais, alertando para os riscos de abordagens excessivamente centralizadas ou impostas de forma "top-down". Defendeu que os criadores devem ser envolvidos não apenas como destinatários de medidas, mas como parceiros no desenho, implementação e avaliação das políticas de conservação.

Concluiu afirmando que a coexistência entre o lobo e a pastorícia tradicional é possível, mas exige vontade política, financiamento adequado, ciência aplicada e, sobretudo, respeito pelas comunidades que mantêm vivo o território. Proteger o lobo — afirmou — não pode significar desproteger quem vive e trabalha na serra; do mesmo modo, defender a pastorícia implica reconhecer o papel insubstituível do restauro ecológico na sustentabilidade futura destes territórios.

Imagem, empatia e território vivido

O fotógrafo e videógrafo de natureza Carlos Pontes, encerrou o painel de oradores com uma intervenção marcada pela força da imagem e pela experiência directa no território. Reconhecido pelo seu trabalho continuado de documentação do lobo-ibérico e da biodiversidade do Parque Nacional da Peneda-Gerês, trouxe à sessão não apenas imagens de grande impacto visual, mas também um testemunho pessoal construído ao longo de mais de uma década de trabalho de campo.



Através da projecção de vídeos realizados no Parque Nacional da Peneda-Gerês, Carlos Pontes revelou a extraordinária riqueza da floresta atlântica e a complexidade dos ecossistemas onde o lobo ocupa um lugar central. As imagens, fruto de longos períodos de observação e respeito absoluto pelos ritmos da natureza, permitiram ao público compreender melhor o comportamento social do lobo, a organização das alcateias e a delicada relação entre predador, habitat e presença humana.

Na sua intervenção, sublinhou que o trabalho de conservação não se faz apenas no terreno natural, mas também no plano das relações humanas. Partilhou a importância de construir confiança com pastores e habitantes locais, recordando que a conservação só é possível quando se escutam e compreendem as dificuldades reais de quem vive diariamente na serra. Destacou o impacto emocional, social e económico dos ataques do lobo sobre os criadores, bem como a frustração gerada pela complexidade dos processos de comunicação e compensação dos prejuízos.

Carlos Pontes defendeu uma abordagem equilibrada e empática, rejeitando leituras simplistas ou polarizadas do conflito. Sublinhou que o Parque Nacional da Peneda-Gerês é um território profundamente humanizado, moldado por séculos de convivência entre práticas tradicionais e natureza selvagem, e que proteger o lobo implica necessariamente proteger também as pessoas e os modos de vida que mantêm viva a paisagem.

Concluiu salientando o papel da imagem como instrumento de sensibilização e aproximação entre o público e o território, afirmando que só através do diálogo, da empatia e do respeito mútuo será possível construir um futuro sustentável para o lobo-ibérico e para as comunidades que com ele coexistem.

Participação do público e debate final

Após as intervenções dos oradores, abriu-se um período de debate que contou com uma participação activa e interessada do público. Diversas questões foram colocadas aos palestrantes, abordando temas como a convivência entre o lobo e a pecuária, a eficácia das medidas de compensação, o restauro ecológico do território, a pressão humana sobre os habitats naturais e o papel das comunidades locais na conservação da biodiversidade. As perguntas deram origem a respostas claras, fundamentadas e complementares por parte dos intervenientes, permitindo aprofundar os temas discutidos e esclarecer dúvidas, num ambiente de diálogo aberto e construtivo. Este momento confirmou o carácter pedagógico e esclarecedor da sessão, bem como o elevado nível de envolvimento do público presente.



Presenças institucionais e encerramento

A sessão contou com a presença da Vereadora Dr.ª Rosa Arezes, da Dra. Alexandra Nogueira, Chefe do Gabinete Técnico Florestal do Município de Viana do Castelo, e da Dr.ª Marina Gonçalves, deputada à Assembleia da República. Na assistência destacaram-se ainda Pedro Alonso Iglesias, biólogo galego especializado no estudo do lobo e na gestão de espécies ameaçadas, e o Agente Ambiental Manuel Sanchez Quintas, entre muitos outros técnicos, investigadores, pastores e cidadãos interessados.



Na fase final, quer a deputada Marina Gonçalves quer a vereadora Rosa Arezes intervieram, sublinhando a importância do tema, congratulando-se pela iniciativa e destacando o valor de debates participados e informados para a construção de políticas públicas mais eficazes.



A sessão encerrou com a entrega de lembranças institucionais e com a convicção partilhada de que o futuro do lobo-ibérico passa inevitavelmente pelo restauro ecológico, pelo diálogo informado e pela valorização dos territórios e das comunidades que os habitam.





Intervenção do Dr. José Aníbal Marinho

Muito Boa Noite a todos os presentes.
Escrevi apenas algumas breves linhas para não ocupar demasiado tempo, prometendo ser conciso. Ninguém está aqui para me ouvir a mim, mas sim para debater este tema com os especialistas presentes.
Em primeiro lugar, gostaria de saudar a Senhora Vereadora da Câmara Municipal de Ponte da Barca e agradecer a gentileza e a colaboração que o Município demonstrou ao associar-se a esta nossa iniciativa.
Saúdo igualmente a representante da Câmara Municipal de Viana do Castelo, a Dra. Alexandra Nogueira, Chefe do Gabinete Técnico Florestal (GTF) do Município de Viana do Castelo.
Por fim, deixo uma saudação a todo o público aqui presente.
É com enorme satisfação que, em nome da Real Associação de Viana do Castelo, vos dou as boas-vindas a mais uma sessão das nossas Reais Conversas com…
Hoje, reunimo-nos aqui, em Ponte da Barca — este território onde a força da paisagem molda a vida das pessoas — para refletirmos sobre o tema:
"Qual o Futuro para o Lobo — A importância do restauro ecológico."
As Reais Conversas nasceram precisamente para isto: para juntar pessoas, saberes e memórias em torno daquilo que nos define — a nossa identidade, a nossa história e o nosso futuro comum.
Não é por acaso que escolhemos Ponte da barca.
Desde tempos imemoriais, estas serras — Peneda, Soajo, Amarela — foram terras de lobos e de pastores.
Terras onde o eco de um uivo sempre fez parte da vida. Terras onde medo e respeito caminharam lado a lado.
O lobo ibérico faz parte da alma destas montanhas.
Mas o avanço do ser humano trouxe também conflito, perseguição e ameaça à sua sobrevivência. E, no entanto, é profundamente simbólico que o último grande reduto deste animal em Portugal seja justamente aqui, no Alto Minho — nesta natureza que ainda resiste.
O lobo não é apenas um animal selvagem. É equilíbrio. É o garante silencioso de que a vida continua em ordem.
E quando falamos de restauro ecológico, falamos disso mesmo: de devolver ritmo à natureza, de reconciliação entre aquilo que somos e o mundo que habitamos.
Proteger o lobo exige diálogo e empatia.
Não podemos defender a natureza abandonando quem vive dela. Mas também não podemos desistir da natureza para resolver problemas imediatos.
O futuro do lobo e o futuro das comunidades humanas são, na verdade, o mesmo futuro.
Hoje temos quatro convidados de excelência, quatro olhares que se completam, o da ciência e o da experiência, o do investigador e do homem de campo, o do lobo e da vaca Cachena.
Os doutores Francisco Álvares, a arquiteta Sandra Vinhais, o engenheiro Rui Dantas e o Carlos Pontes e que vão ser apresentados futuramente, pelo Dr. Nuno Pousada.
Antes de avançarmos, permitam-me recordar alguém que me é particularmente querido e cuja visão está profundamente ligada ao tema que hoje nos reúne: o Arq. Gonçalo Ribeiro Telles.
Tive o privilégio de privar com ele ao longo de muitos anos.

Foi para mim um verdadeiro **mentor ideológico**, que me marcou desde muito jovem e com quem caminhei na defesa de uma monarquia moderna, democrática e profundamente ligada à terra e às comunidades.

Com ele aprendi a ver Portugal de forma diferente:

não como um mapa de fronteiras administrativas, mas como um organismo vivo — onde cada rio, cada monte, cada comunidade tem uma alma e uma razão de ser.

Chamaram-lhe — e bem — visionário. Porque foi.

Muitos anos antes de todos nós falarmos de sustentabilidade, ele já a praticava. Acreditava que **o desenvolvimento só é verdadeiro quando não destrói o que nos faz ser quem somos**.

Eu vi nele a coragem de nadar contra a corrente: um homem livre, inteiro, que nunca sacrificou os seus princípios ao oportunismo político.

E, ainda hoje, quando falamos em restauro ecológico, quando falamos em devolver vida às paisagens e dignidade às pessoas, **é impossível não escutar o eco da sua voz** — serena, firme e apaixonada.

Por isso, esta sessão é também — e inevitavelmente — uma forma de lhe prestar homenagem.

O lobo lembra-nos que **não somos donos de tudo**. Que a terra não é apenas cenário — é casa comum. Que a liberdade existe enquanto houver espaço para a natureza ser natureza.

O uivo do lobo é um aviso: de que **sem humildade, não há futuro**.

Que esta Real Conversa nos inspire a olhar o lobo **não como ameaça**, mas como aliado. Como parte da riqueza e da beleza deste território.

Como prova de que ainda sabemos proteger o essencial.

Defender o lobo **é defender o Alto Minho**.

É defender a nossa memória.

É defender o que de mais nobre existe em nós: **o amor pela terra e o compromisso com o futuro**.

Está lançado o mote para uma boa conversa.

